

“QUE MULHER É ESSA? ”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO SER MULHER CONSTRUÍDAS POR CRIANÇAS

Alanna Tuylla Dantas Figueiredo¹
Laêda Bezerra Machado²

Resumo:

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as representações sociais do ser mulher construídas por crianças matriculadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de ensino do Recife. A Teoria das Representações Sociais fundamenta a investigação. O estudo, de abordagem qualitativa, envolveu 24 crianças de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. Os instrumentos de coleta de dados foram: desenhos (com base nos indutores: “mulher adulta” e “trabalho de mulher”) e entrevista semiestruturada. O corpus da pesquisa foi analisado a partir da Análise de Conteúdo. Os resultados indicaram que as representações sociais de mulher adulta comuns a meninos e meninas estão ancoradas em *maternidade, vaidade e trabalhadora*. Alguns meninos representam a mulher como *sentimental e sexualizada* e algumas meninas objetivam a mulher como *livre*. Referente ao trabalho de mulher as representações sociais dos meninos estão centralizadas no trabalho *doméstico* ou de *professora* e as das meninas estão atreladas às profissões liberais, de maior valorização social.

Palavras-chave: Representações Sociais. Crianças. Ser Mulher.

INTRODUÇÃO

O convívio com as crianças na escola durante a disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica - Estágio no Ensino Fundamental - oferecida pelo curso de Pedagogia, nos fez ver como elas, nessa instituição, manifestam o que pensam a respeito de diferentes ações, objetos, situações e sujeitos, dentre eles a mulher. Esta experiência como estagiária de escola pública, aliada a oportunidade que tivemos – como bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) – de conhecer sobre a Teoria das Representações Sociais (TRS), nos mobilizaram a querer em nosso trabalho de conclusão de curso investigar as representações sociais do ser mulher construídas por crianças do Ensino Fundamental. Durante o PIBIC desenvolvemos estudos sobre a teoria e temos clareza que sua abrangência, vitalidade e interdisciplinaridade são de grande valor para a área da educação.

Especialmente em observações feitas durante o estágio no mês de março – mês em que se comemora o Dia da Mulher – percebemos que os cartazes espalhados pela sala de aula

¹ Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. lana_figueiredo@hotmail.com.

² Professora do Departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional – Centro de Educação – UFPE. laeda01@gmail.com.

referentes à mulher, expressavam representações sociais de homens e mulheres daquelas crianças. Entendemos que tais representações são construídas em sua cultura e a escola constitui um espaço em potencial para elas se manifestarem. Percebemos em seus desenhos que a maioria delas reproduzia o modelo heterossexual dominante: as mulheres associadas à feminilidade, rodeadas por flores, corações ou desempenhando papéis domésticos; reproduzindo estereótipos de gênero e discriminação. Devido a este episódio e, ainda, porque sempre tivemos interesse no debate sobre as questões de gênero, queremos com este estudo responder a seguinte pergunta: Quais são as representações sociais do ser mulher construídas por crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, matriculadas na rede Municipal de ensino na cidade de Recife? Com base na questão proposta anunciamos, a seguir, os objetivos da pesquisa.

Objetivo geral:

- Analisar as representações sociais do ser mulher construídas por crianças matriculadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de ensino do Recife.

Objetivos específicos:

- Caracterizar as representações sociais do ser mulher e seu trabalho, construídas por crianças;
- Identificar elementos que estão influenciando as representações do ser mulher construídas por essas crianças;
- Indicar elementos objetivados e ancorados nas representações sociais das crianças em início de escolarização;

As questões de gênero na escola

Reconhecendo a escola como um espaço em potencial para a construção de representações sociais (conhecimento partilhado pelo senso comum) bem como de reprodução das desigualdades de gênero, daquilo que designamos como masculino e feminino, ressaltamos o interesse em pesquisar as representações sociais do ser mulher construídas por crianças do Ensino Fundamental.

Os debates sobre questões de gênero são atuais, principalmente, quando referidos à educação, no entanto, se mostram insuficientes para mudar ou diminuir a discriminação e a violência contra a mulher, seja ela física ou simbólica. Os movimentos feministas e estudos

sobre essa questão podem colaborar para a mudança das representações sociais entre os grupos. Espaços, antes reservados, majoritariamente, para homens, hoje, são ocupados também por mulheres. Admitimos que a discussão acerca do gênero não se restringe a falar sobre a mulher, mas os gêneros que fogem aos padrões heterossexuais anteriormente ocultos, que hoje apresentam-se como realidade, especialmente, na escola, demonstrando a relevância do tema dentro dessa instituição. O gênero vai muito além da condição biológica do sujeito, ele é uma construção histórico-cultural. Nesse sentido, Bertoni e Galinkin (2014) afirmam:

Gênero é uma construção histórico-social, refere-se às diferenças sociais entre homens e mulheres. Enquanto tal, é uma categoria imersa nas instituições sociais e pode ser considerada em permanente processo e sujeita a transformações, dependendo do contexto do qual está inserida (pg.23)

O feminino e masculino e os sentidos a que lhes são atribuídos podem variar histórica, social e culturalmente e dependem do meio em que se está inserido. Nessa perspectiva, os papéis estereotipados de homens e mulheres, os padrões de comportamentos vão se estabelecer nas mais variadas relações sociais e nos diferentes espaços.

No Brasil do século XIX, Nísia Floresta Brasileira- nome que Dionísia Pinto Lisboa adotou - teve uma relevância fundamental na educação brasileira. Nísia, poetisa, escritora e educadora, é considerada a pioneira do feminismo no nosso país, ela denunciava a condição de submissão das mulheres e defendia a educação como instrumento pelo o qual as mulheres seriam libertadas dessa circunstância. As escolas da época lecionavam disciplinas diferenciadas para meninas, que deveriam aprender a bordar e costurar; e, aos meninos, eram destinadas as noções básicas de geometria. Ambos aprenderiam os princípios cristãos, a contar, ler, escrever e saber as quatro operações. Floresta fundou um colégio para meninas em várias cidades brasileiras, entre elas Recife, e foi criticada por oferecer disciplinas distorcidas do papel feminino desse tempo, consideradas, para a época, desnecessárias para meninas, além disso, teve uma grande colaboração nos jornais da época, lutou pelos direitos das mulheres – índios e negros – e publicou a primeira edição, em Recife no ano de 1832, do livro Direitos das mulheres e injustiça dos homens. (Castro, 2010 apud Bertoni e Galinkin 2014).

Nos anos 1930, agora no Brasil do século XX, diante da influência europeia, uma grande parte das mulheres intensificaram a luta pelos seus direitos, se mobilizando a fim de mudar o regime político vigente da época, elas adentraram às indústrias e ao comércio. A participação digamos que, mais ativa, das mulheres nas atividades públicas foram fundamentais para a criticidade e desenvolvimento de uma consciência feminista, além do

engajamento das mulheres nessas problemáticas. Segundo Vianna (2002) citado por Bertoni e Galinkin (2014):

As preocupações do novo feminismo, que insinua nos anos 30, ultrapassavam a luta pelo direito ao voto (alcançado em 1934) ou a defesa do chamado “sexo frágil”, de caráter liberal, seguindo a tendência europeia. Davam passos decisivos rumo não somente ao “tornar-se mulher”, constituindo-se como identidades inconfundíveis, mas, ainda, tornar-se sujeitos conseqüentes da história da sociedade moderna (pg. 28)

Segundo Xavier Filha (2015) desde novas, as crianças (meninas e meninos) sofrem com os padrões heteronormativos, que, para a autora, constituem a determinação da heterossexualidade como única, demarcando o comportamento e conduta dos sujeitos perante a sociedade. Por exemplo, uma menina não deve gostar de futebol ou usar a cor azul, sem ouvir comentários heteronormativos como: “azul é cor de menino” ou “futebol é coisa de homem”. Ora, as cores e os esportes não têm gênero, é interessante perceber como os padrões estereotipados estão presentes nos discursos das pessoas até hoje, como eles podam a maneira de se comportar e a liberdade dos sujeitos, especificamente, nesse caso, das crianças. Frequentemente, as meninas são associadas à fragilidade, doçura, passividade; educadas para serem mães, donas de casa e submissas aos homens; elas aprendem, ainda na infância, a reproduzir e diferenciar as condutas que lhes são permitidas.

Como dito anteriormente, as mulheres, a partir das suas reivindicações e movimentos em busca de igualdade, conseguiram, de certa forma, mudanças/transformações nos costumes e valores referentes à feminilidade e masculinidade.

De acordo com Meinerz (2012), a obra de Simone de Beauvoir, *O segundo sexo*, entre 1940 e 1950, é um dos marcos no surgimento de estudos acerca da mulher. Para a autora, a ideia: "Não se nasce mulher, torna-se uma", é referência até hoje em estudos acadêmicos e movimentos sociais feministas.

Sabemos que as mulheres são orientadas, se não treinadas, pelas mulheres mais velhas, a desempenhar papéis nos ambientes domésticos. Desde cedo aprendem a se tornarem mães, submissas, reproduzindo sua condição de subordinação e submissão.

Esse tipo de orientação não se mostra surpreendente, visto que a cultura, a influência social heteronormativa e os padrões héteros são fatores/comportamentos atuais.

Meinerz (2012) afirma como fundamental para a análise de gênero, que o ponto de partida sejam as referências históricas que estruturam o significado da diferença do masculino e feminino e a construção das possibilidades do ser "de um ou outro". No século XX, por exemplo, o uso de calças compridas e cabelo curto eram, exclusivamente, práticas masculinas;

enquanto que as mulheres deveriam ter cabelos longos e fazer o uso de vestidos ou saias longas.

A sociedade busca padronizar e impor comportamentos aos indivíduos, estes, que, por sua vez, vão incorporá-los nas relações sociais. As desigualdades que vivem as mulheres se dão nos mais variados espaços: no trabalho, em casa, na rua ou na escola, por exemplo. Ações machistas, misóginas e violentas que são reproduzidas e naturalizadas ao longo da história. Elas foram por muito tempo privadas de direitos, conhecimento e liberdade. É evidente que parte desses estereótipos e atitudes passaram por progressivas mudanças e problematizações, contudo, as mulheres ainda sofrem com um machismo, às vezes, sutil – aos olhos dos homens e dos outros, evidentemente – presentes na sociedade contemporânea. E é exatamente devido a essa situação que queremos saber os sentidos atribuídos por crianças, em processo inicial de escolarização, ao ser mulher. Sendo a mulher alvo de tantos estereótipos reconhecemos a pertinência de adoção da teoria das Representações sociais como referencial de base para esta pesquisa.

A Teoria das Representações Sociais

A Teoria das Representações Sociais (TRS) foi inaugurada por Serge Moscovici em 1961 com sua obra a Representação Social da Psicanálise. As representações sociais são fenômenos complexos e difícil definição. Contudo, com base em Moscovici, as representações sociais consistem em um campo de estudos que privilegia e valoriza os conhecimentos do senso comum; as formas múltiplas de explicar realidades construídas a partir de saberes de diversas ordens, saberes esses que vão orientar as práticas e comportamentos dos sujeitos.

Ainda de acordo com Moscovici (1978), a construção da representação social se faz mediante dois processos fundamentais, são eles: a objetivação e a ancoragem. Entendemos como objetivação, aquilo que o sujeito pode assemelhar a algo já conhecido por ele; materializar, concretizar a fim de conhecer e apropriar-se do que é novo. A partir da objetivação, o indivíduo cria imagens sobre o objeto. Já a ancoragem, relaciona-se aquilo que vai ser incorporado definitivamente à malha de saberes que o indivíduo já possui. Reconhecer, entender melhor o desconhecido, tornar o estranho familiar.

De acordo com Jodelet (2001) as representações sociais são *“uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”* (Jodelet, 2001, p.22).

A TRS tem se fortalecido e hoje desdobra-se em três tendências ou abordagens dos estudos: uma mais culturalista, fiel ao estudo original, liderada por Denise Jodelet; uma abordagem estrutural, que valoriza e investiga a estrutura e conteúdo de uma representação, protagonizado por Jean-Claude Abric; e uma terceira, a abordagem societal que se preocupa em investigar a influência dos grupos sociais de pertença do sujeito na construção das representações sociais.

A TRS é utilizada frequentemente na área da Educação, devido ao fato de que a partir da sua orientação podemos ter acesso às diferentes formas de compreensão e explicação de objetos complexos desse campo, especialmente porque as representações orientam e guiam as práticas e comportamentos dos sujeitos. De acordo com Moscovici (1978), para se compreender o conhecimento do senso comum, é necessário reconhecer sua lógica e apreendê-lo no contexto social, histórico e cultural em que o indivíduo está inserido, ou seja, considerando suas condições de produção.

Cumprir destacar que, de acordo com Timm e Langamer (2013), a influência da comunicação na concepção dos papéis sociais estabelecidos e propagados na sociedade ocidental estão diretamente vinculados às representações sociais de gênero, uma vez que estão relacionadas a um conjunto de significados que fazem parte do cotidiano e das práticas do sujeito. Nesse sentido, a ideia sobre gênero é representada socialmente, partilhada e difundida pelos sujeitos e seus diferentes grupos.

A TRS engloba uma pluralidade de objetos podendo se expandir para diversas áreas do conhecimento, oferecendo liberdade aos pesquisadores na escolha das metodologias. Usada na compreensão de temas relacionados, principalmente, às questões sociais, como por exemplo, o gênero e a mulher, ela pode revelar características de grupos e suas diferentes maneiras de pensar sobre determinados temas, permitindo o estudo dos mais diversos objetos.

A mulher nos estudos de representações sociais

Para o levantamento da produção científica sobre a mulher, inicialmente, pesquisamos nos Grupo de Trabalhos (GT) dos anos de 2013, 2015 e 2017 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) por considerá-la uma relevante reunião científica relacionada da área da educação. Por admitirmos que a temática tem um caráter abrangente restringimos a pesquisa aos seguintes grupos de trabalho: GT 8 - Formação de Professores; GT 12 - Currículo, GT 13 - Educação Fundamental; GT 20 - Psicologia da Educação e GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação.

Nessa busca selecionamos dois trabalhos que pelos seus títulos guardavam relação com o nosso – *Gênero e Sexualidade numa sala de aula do ensino fundamental: sob os efeitos da lua cheia queer* (GT-13, 2013) e “*Coisas de meninos e coisas de meninas*”: *a produção do curso de gênero e diversidade na escola sobre Educação Infantil*” (GT-23, 2017), no entanto, após a leitura dos textos constatamos que eles não se relacionavam, de fato, à temática estudada. Nos demais GT’s indicados não localizamos trabalhos relacionados as representações de mulher.

Pesquisamos, ainda, no *Google Acadêmico* utilizando o termo “representações sociais de mulher” e na BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) com a palavra-chave: representação social. Abaixo, os estudos selecionados nessas fontes.

No artigo “Representações Sociais de gênero em crianças: uma experiência no Ensino Fundamental”, localizado no *Google Acadêmico*, Timm e Langamer (2013) buscam identificar as representações sociais de gênero de crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental em uma escola da cidade de Candangolândia-DF. A pesquisa também foi caracterizada como pesquisa-ação, já que durante o desenvolvimento de suas atividades, os envolvidos no processo educativo – as crianças e as professoras – puderam produzir entendimentos diferentes acerca do fenômeno proposto. As autoras utilizaram como instrumentos de coleta de dados a observação, entrevista e jogos lúdicos, solicitando que em grupo, as crianças - meninos e meninas - elaborassem um cartaz com figuras de crianças que as mesmas interpretassem ser como elas. Ao término da atividade, a pesquisadora fez algumas perguntas indutoras para a análise das representações. Depois de uma semana a tarefa foi repetida, mas dessa vez com grupos mistos. O objetivo deste exercício, segundo as autoras, foi analisar a maneira como as figuras foram dispostas nos dois cartazes e a posição do comportamento das crianças em cada grupo, além da conversa das mesmas durante as atividades. Os resultados indicaram que as crianças reproduzem comportamentos e expressões, apropriados socialmente, para cada gênero, possuindo representações sociais de gênero internalizadas. Conforme as autoras, a escola, através dos docentes, desenvolve práticas que reproduzem e naturalizam ações sexistas, sinalizando para uma manutenção destas.

Na dissertação intitulada “As Representações Sociais de gêneros das alunas e dos alunos das 7º e 8º séries do Ensino Fundamental nas aulas de Educação Física”, localizada na BDTD, Barboza (2003) analisa as representações sociais de gênero construídas por alunas e alunos do Ensino Fundamental, especificamente, das sétimas e oitavas séries, nas aulas de Educação Física. O texto problematiza os entendimentos desses indivíduos sobre o masculino

e do feminino quando relacionados aos conteúdos de ensino, disposição no espaço durante as aulas, na elaboração de trabalhos e demais atividades em situações de sala de aula. Como metodologia a autora fez uso da observação participante, entrevista semiestruturada e associação livre de palavras. Os termos indutores foram palavras relacionadas ao gênero que surgiram a partir das observações são elas: amor, família, escola, mulher, educação física, homem, negra, amizade, negro, homossexualidade, dançar, brincadeira, jogar futebol, menina, menino, televisão, bissexualidade e identidade. Os resultados, configurados no núcleo central, evidenciaram que a representação desses estudantes está relacionada, de forma polarizada, à masculinidade, feminilidade, preconceito e identidade.

O estudo exploratório de Souza (2012), “Representações Sociais de gênero: uma investigação com crianças de uma Escola Pública”, localizado no *Google Acadêmico*, objetivou conhecer as representações sociais que crianças de 9 anos têm sobre a mulher. Participaram da pesquisa, 50 estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Serra, no Espírito Santo. Destaca que a pesquisa é uma intervenção de ensino-aprendizagem que parte da experimentação estética musical, plástica e teatral. O trabalho foi realizado em quatro etapas. A primeira se refere à leitura atenta e compreensiva da letra “*Maria, Maria*” de Milton Nascimento; em seguida os alunos e alunas ouviram a música, depois memorizaram-na através da escuta e do canto, e, por fim, representaram a mulher em massa de modelar, a partir da questão norteadora “quem é essa mulher, e o que ela representa?”. Os resultados demonstram que para essas crianças, “Maria” é vista como uma mulher trabalhadora, de diferentes profissões, como figura parental, como uma entidade religiosa, como uma personagem ou como uma mulher feliz.

O trabalho desenvolvido por Pulcino, Pinho e Andrade (2014), “Papéis e identidade de gênero no cotidiano escolar: a percepção dos/as jovens sobre as relações entre os sexos” publicado no livro *Em Aberto* (também utilizado nesse estudo), embora não aborde as representações sociais acerca do gênero com crianças, destaca a percepção de jovens sobre as relações existentes entre os sexos masculino e feminino, os papéis e as identidades de gênero construídas por esses estudantes no dia a dia escolar. Os autores buscam problematizar como esses jovens compreendem as identidades de gênero no contexto da escola e relações sociais. Participaram dessa pesquisa, seis meninas e oito meninos de, em média, 17 anos de idade. Todos matriculados no Ensino Médio de uma escola estadual no Rio de Janeiro. Como metodologia, utilizaram a observação, grupo focal e entrevistas individuais. Os resultados indicaram que a percepção dos jovens sobre gênero evidencia a diferença nos tratamentos que são dados às mulheres e aos homens. Justificam esses comportamentos nos estereótipos

socialmente construídos e determinados pela sociedade, principalmente, em relação à mulher. Para eles, ao exercer sua sexualidade, ela não é digna de confiança, é depravada. Destaca os papéis sociais já estabelecidos a serem socialmente desempenhados por homens, que são incapazes de demonstrar emoção, sentimentos, forte e paquerador; enquanto as mulheres devem ser dóceis, frágeis, donas de casa, então enraizados nesses jovens, revelando uma postura machista, sexista e preconceituosa.

O artigo “Representação Social da mulher brasileira nas atividades físicos-desportivas: da segregação à democratização” de Mourão (2000), localizado no *Google Acadêmico*, teve como objetivo geral interpretar, analisar e identificar os sentidos das representações e práticas sociais que estavam vinculadas às ideias de segregação, participação e democratização relacionadas às atividades físico-desportivas da mulher brasileira de elite entre 1870 e 1950. Os resultados indicaram que a mulher brasileira durante esse período foi segregada das atividades físico-desportivas por serem consideradas como incapazes de fazer esforços, frágeis; um corpo que deveria ser preservado e dedicado à reprodução. Evidenciaram representações resistentes acerca do homem como dominador e adepto ao espaço esportivo.

Em “Soldadinhos-de-Chumbo e Bonecas: Representações Sociais do Masculino e do Feminino em Jornais de Empresas”, também localizado no *Google Acadêmico*, Corrêa et al (2007) os autores buscaram, a partir de uma análise nos jornais da empresa Vênus e Marte, de Minas Gerais, retratar os aspectos das representações de gênero socialmente construídas por eles. Os resultados indicaram que os jornais reproduzem ideias de como devem ser o pensamento, a vida e o comportamento dos homens e das mulheres. As matérias destinadas às mulheres, indicadas pela cor rosa, eram voltadas à beleza, culinária, representavam a mulher como donas-de-casa, mães; enquanto que para os homens, as matérias eram indicadas pela cor preta, continham assuntos como negócios, política ou economia etc. Essas representações, segundo os autores, estão impregnadas de preconceitos que marcam os papéis sociais e comportamentos heteronormativos de homens e mulheres.

No artigo desenvolvido por Matsunaga (2008) “As Representações Sociais da Mulher no Movimento Hip Hop” localizado no *Google Acadêmico*, analisa as representações sociais da mulher construídas pelo movimento hip hop, bem como trazer discussões em relação à representação social da mulher em letras de rap. A autora analisou as letras de *rap* que tivessem discursos que fizessem referência à mulher. Os resultados sugerem uma representação associada à uma ordem moralmente e socialmente conservadora, atribuindo o feminino ao espaço privado, enquanto ao masculino é destinado o espaço público. A mulher

presente no rap revela papéis sociais de namorada, mãe, tem valor por serem negras e batalhadoras, no entanto, é condenada por ser “objeto” e “vulgar”.

No artigo “Representações sociais do ser mulher no contexto familiar: um estudo intergeracional” de Coutinho e Menandro (2015), resultado de uma pesquisa mais abrangente, os autores objetivaram conhecer a rede de representações sociais que orientam o ser mulher na família. Participaram desse estudo 20 mulheres de classe média baixa, 10 delas tiveram filhos na década de 60, consideradas da 1º geração, e 10 delas com filhos que nasceram na década de 90, consideradas da 2º geração. Como instrumento metodológico, os autores utilizaram da entrevista semiestruturada. Os resultados apontaram que o sentido da maternidade não passou por grandes mudanças, ocorreu um enfraquecimento desses modelos quando relacionando aos âmbitos profissional e conjugal, no entanto, nos âmbitos familiar e da maternidade, esses padrões ainda são visíveis, pois, o ato de ser mãe se conserva a identidade feminina para a maior parte das entrevistadas da 2º geração, por exemplo.

Considerando a produção científica sobre o tema e que a compreensão das crianças acerca do que é ser homem ou ser mulher está intrinsecamente associado à natureza biológica - masculino e feminino - e não a uma construção social, faz-se necessário que estudos sobre esta temática sejam cada vez mais abordados nos espaços acadêmicos. Admitimos que estudos dessa natureza podem colaborar para desconstruir e problematizar os estereótipos machistas, misóginos, sexistas e padrões heteronormativos que são dados como naturais ao longo da formação discente. Entendendo que a atualidade das questões de gênero vivenciadas por professores e alunos nas escolas e compreendendo a interdisciplinaridade da Teoria das Representações Sociais este trabalho busca identificar e caracterizar as representações sociais do ser mulher construídas por estudantes do Ensino Fundamental, indicando os elementos que podem influenciar a construção dessas representações.

Sabe-se que, como dito anteriormente, as representações sociais são as diversas formas que o sujeito encontra para explicar a sua realidade a partir de uma malha de saberes, saberes esses que vão influenciar e orientar as suas práticas e seus comportamentos. Nessa perspectiva, no contexto do tema e da produção científica apresentada, a discussão sobre a figura da mulher se mostra relevante, pois, a partir do momento em que buscamos identificar essas representações sobre o ser mulher e como elas influenciam no comportamento, especialmente neste trabalho, das crianças, considerando o contexto cultural, social e histórico em que estão inseridas, é possível apreender, a partir dos desenhos das mesmas – considerando que esta atividade seja um atrativo para elas – as diversas formas de pensamento sobre o ser mulher que são construídos com maiores evidências de crenças, valores e

influências do meio social, para, assim, buscar problematizar e desconstruir essas questões que se perpetuam, principalmente, na escola.

METODOLOGIA

A pesquisa de natureza qualitativa foi desenvolvida com estudantes das turmas de 4º e o 5º anos do Ensino Fundamental de uma escola Municipal da zona sul do Recife. Essa escola foi escolhida em função de nossa permanência na instituição durante o estágio curricular. Realizamos a pesquisa com estudantes dessas turmas por entender que crianças nessa idade são mais receptivas a proposta de produzir desenhos. Ressaltamos que a abordagem qualitativa, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), recolhe e atribui sentidos e significados a lugares, pessoas ou grupos. Essa abordagem de pesquisa privilegia os valores, hábitos e opiniões dos sujeitos investigados.

Os participantes, crianças das turmas de 4º e 5º ano de uma escola pública Municipal de Recife, foram selecionados através de um sorteio visto que todos desejavam participar da pesquisa. Para isso, anotamos os nomes dos alunos e alunas que se dispuseram a colaborar e depois sortearmos. Em seguida, solicitamos que cada um deles produzisse um desenho referente aos termos indutores. Após desenharem essas crianças foram entrevistadas.

As crianças foram sorteadas em duas turmas do 5º e uma turma do 4º do Ensino Fundamental. O motivo pelo qual a segunda turma do 4º ano não participou da pesquisa decorreu da ausência da professora e de sua turma na instituição na ocasião em que realizamos a pesquisa de campo. Integraram o grupo pesquisado 24 crianças, oito estudantes do 4º ano e 16 do 5º ano. O grupo era composto por 13 meninas e 11 meninos, com idade média de 11, 2.

Do grupo participante da pesquisa, 15 crianças moram no bairro do Ipsep e 9 no bairro do Ibura, ambos localizados na zona sul do município do Recife. Em relação à profissão de suas mães: oito são donas de casa, duas são diaristas, duas são cozinheiras; e uma é recepcionista, uma trabalha na Farmácia, uma é lavadeira, uma é confeitadeira, uma trabalha como serviços gerais, cinco estão desempregadas e duas crianças responderam que desconhecem a profissão de suas mães. Referente à profissão dos pais: três são pedreiros, dois porteiros, um é funcionário da Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana (EMLURB), um é técnico de som, um é garçom, um é açougueiro, um é entregador, um é embalador, um é cabeleireiro, um é funcionário de um lava-jato, um é motorista, um é vendedor, quatro estão desempregados e cinco estudantes responderam que desconhecem a profissão de seus pais.

Para identificar as representações sociais de mulher as crianças foram incentivadas a produzir desenhos a partir de dois estímulos indutores, a saber: “*mulher adulta*” e “*trabalho de mulher*”. Tivemos um total de 48 desenhos, 24 para cada estímulo indutor oferecido.

Segundo Farias (2005) citado por Alves e Carvalho (2014) o desenho pode permitir o acesso do pesquisador às emoções, ideias, visões do indivíduo de maneira mais livre e espontânea tornando-se um ato inconsciente que expressa os sentimentos de quem desenha. Tendo em vista se tratar de crianças em início da escolarização admitimos que desenho constitui uma forma mais espontânea capaz de despertar o interesse, participação e envolvimento das mesmas. A esse respeito Sarmiento (2005) destaca em investigação com crianças é fundamental a utilização de uma metodologia que favoreça e oportunize condições necessárias para elas se expressarem de modo a manifestarem sentidos e significados dos objetos nos contextos em que estão inseridas.

Nesta pesquisa primeiramente as crianças produziram os desenhos e, em seguida, participaram de uma entrevista de caráter semiestruturado (que foi gravada) para falarem sobre essas produções.

A entrevista semiestruturada permite o estabelecimento de um diálogo entre o pesquisador e o grupo investigado. A referida entrevista foi conduzida levando em conta as produções das crianças. Para isto perguntamos a cada criança, individualmente: *o que este desenho representa pra você? O que ele significa? Esse desenho tem alguma relação com a sua vida e com o que você faz todos os dias? Você pensou em alguma coisa para fazer este desenho? Se sim, me diga o que pensou.* Ressaltamos que durante o processo de investigação, que durou, em média, seis minutos – para cada estudante –, tivemos a necessidade de perguntar às crianças se as mulheres só poderiam trabalhar desempenhando o trabalho desenhado por elas em suas ilustrações, a fim de identificar se o posicionamento das crianças seria tradicional/conservador – a mulher exercendo funções domésticas ou subalternas – ou desconstruído/atuado – a mulher atuando em qualquer tipo de trabalho.

Salientamos que a produção feita pelas crianças expressa significados e sentidos que vão muito além da sua ilustração, revelam crenças, opiniões, valores e emoções, nesse sentido, a análise dos desenhos considera a própria produção e explicações das crianças durante a entrevista.

A Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2004), orientou a análise. A técnica objetiva manipular mensagens buscando demonstrar indicadores que possibilitem o entendimento acerca de uma realidade diferente daquela que a mensagem evidencia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados decorrentes dos desenhos e entrevistas com as crianças foram organizados em duas categorias: Mulher adulta e Trabalho de mulher.

a) Categoria 1: Mulher adulta

A **primeira categoria** enfatiza o sentido atribuído pelas crianças do 4º e 5º anos aos seus desenhos relacionados ao termo indutor **mulher adulta**. Conforme apontam seus desenhos e produções discursivas, os principais eixos de sentido relacionados à mulher destacam a maternidade, liberdade, vaidade feminina, trabalho, sexualidade e sentimentalismo.

Das 24 participantes, analisamos os desenhos de 21 (três crianças afirmaram que desenharam apenas “mulheres”), seis associam a mulher à maternidade, seis relacionaram a mulher à vaidade, quatro disseram ter desenhado uma mulher trabalhadora, dois se referiram à mulher como livre, dois desenhos enfatizaram a sexualidade da mulher e um indica o caráter sentimental da mulher.

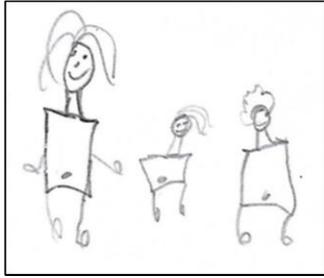
Quando se referiram à mulher como maternal/mãe, primeiramente localizamos o desenho de MA_9/turma4³. Referente ao desenho 1 a criança afirma: “*Eu desenhei a minha mãe*”⁴. Sobre o desenho 2 a criança diz que ter desenhado uma mãe e seus filhos. Ambos os desenhos expressam a mulher maternal. No desenho 1 a mulher é ilustrada com cabelos longos, rodeada por um coração seguido da palavra “mãe”. No referido desenho a mulher aparece com um top e uma saia com vários corações que, supostamente, denotam o amor de uma mãe. No desenho 2, a mãe aparece acompanhada por, supostamente, dois filhos, nesse sentido, admitimos que para as crianças a mulher adulta é representada como aquela que é mãe.



Desenho 1: “*Eu desenhei minha mãe. Coloquei esse coração porque minha mãe tem roupa de coração*”.

³ A codificação MA se refere às meninas – bem como MO são meninos – seguido do _, o número do protocolo/ turma. Exemplo: MA_3/turma x.

⁴ Os depoimentos foram transcritos para este trabalho do modo como as crianças falaram.



Desenho 2: “*Esse aqui é uma mulher e esse aqui são os dois filhos dela, ela é adulta porque tem filhos*”.

Os desenhos 3 e 4 foram relacionados à mulher vaidosa. O desenho 3 (MO_13/turma4) apresenta a mulher com uma saia, um cinto e um adereço no cabelo, indicando uma mulher arrumada, bem como o desenho 4 (MA_14/turma4) sobre o qual a criança fala diretamente que desenhou uma mulher bonita e vaidosa. No conjunto dos desenhos referentes à mulher vaidosa há associação da mulher adulta e vaidade. Afirmou uma criança: “*Aqui é uma mulher... Eu fiz um desenho de uma boneca que é mulher*” (MA_10/turma4).



Desenho 3: “*Quer dizer uma mulher que não tá fazendo nada, se olhando pra ver se tá bonita*”.



Desenho 4: “*Aqui eu desenhei só uma mulher, adulta assim, que, ela... gosta de ser bonita, vaidosa e só*”.

O que podemos depreender é que parte dos desenhos (seis) indicam representações sociais da mulher relacionada à vaidade, feminilidade, delicadeza, maternidade e trabalhadora. Corrêa et al (2007) em discussões sobre o tema com base na análise de propaganda de jornais e revistas, consoante ao que expressam as crianças, afirmam que os meios de comunicação atribuem significados à mulher que estão relacionados à mãe, beleza, donas de casa reproduzindo assim comportamentos heteronormativos.

Duas meninas participantes deste estudo informaram que seus desenhos (5 e 6) são de “mulheres livres”; sobre esse aspecto, depreendemos que essas produções foram embasadas em informações sobre a mulher que circulam na sociedade atual que ressaltam a liberdade feminina. O desenho 5, ilustra uma mulher de cabelos curtos, saia e sapatos o desenho 6, mostra uma mulher de cabelos loiros, com um vestido azul acompanhando de um coração ao lado da frase “Mulher é linda, maravilhosa, guerreira, elegante e honesta”.



Desenho 5: *“Desenhei uma mulher livre pra fazer o que ela quiser”*



Desenho 6 : *“Desenhei que a mulher adulta é linda, maravilhosa, guerreira, elegante, honesta e tem direito igual aos homem, os homem não tem que mandar nela, ela tem que ter liberdade... Os homem não precisa prender ela em casa, ela tem a própria liberdade dela”.*

Em relação ao desenho 6 destacamos que embora ele seja marcado por traços feminilizados como o uso de salto, vestido, ao lado do coração e elementos que sinalizam características da mulher como delicada, afetuosa, além de frase com atrelados à vaidade e elegância, a justificativa da criança contém elementos que expressam empoderamento feminino, quando diz: *“Desenhei que a mulher adulta é linda, maravilhosa, guerreira, elegante, honesta e tem direito igual aos homem, os homem não tem que mandar nela, ela tem que ter liberdade... Os homem não precisa prender ela em casa, ela tem a própria liberdade dela”.*

Nesse sentido, depreendemos que o desenho da criança não sugere a mulher como objeto, em seu discurso, reproduz informações que circulam na sociedade atual, sobretudo, nos meios de comunicação em relação à mulher, sua liberdade, as denúncias contra as práticas de violência contra a mulher, por exemplo. A mulher como capaz de tomar decisão e de certo modo empoderada começa a ser objetivada nas representações das crianças.

Sardenberg (2006) conceitua o empoderamento feminino como a libertação das mulheres do sistema opressor de gênero, machista e heteronormativo presente na sociedade contemporânea, bem como defende o debate, problematização e críticas acerca desse sistema nos espaços sociais. Nesse sentido, podemos dizer que o empoderamento parte da conscientização da situação da mulher e da existência de uma dominância masculina, percepção compreendida em algumas das entrevistas.

Ao tratar do empoderamento feminino infantil, Miranda (2015) considera que esse processo é fundamental para que as meninas, desde cedo, não se adequem aos padrões heteronormativos, uma vez que os papéis e moldes estereotipados começam a ser estabelecidos pelos indivíduos presentes na vida das crianças. As meninas são ensinadas a serem delicadas vaidosas, submissas e dóceis, enquanto os meninos são ensinados a ser fortes e não demonstrarem sentimentos. Essas atitudes limitam, padronizam e regram os comportamentos das crianças.

Dentre os desenhos, destacamos, também a maneira como seis participantes (três de meninas e três de meninos) desenharam as mulheres rodeadas de corações e flores, além das suas vestimentas como saias e blusas (onze; sendo sete meninas e quatro meninos), o que denota uma representação social do ser melhor ancorada no sensível, frágil, romântica etc.

Segundo Sodré, Reis e Gutti (2007), o desenho pode expressar informações mais espontâneas, bem como opiniões ou emoções acerca da realidade. Nesse segmento, interpretamos que os traços presentes nas ilustrações das crianças, como corações, flores e vestimentas (saia e uso do salto), reproduzem conteúdos relacionados a uma representação estereotipada da mulher, resultado do modelo heterossexual que as associa à feminilidade. Os desenhos abaixo, bem como os de números 1,3 e 6 apresentam esse conteúdo.



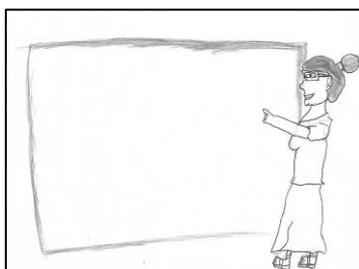
Desenho 7: “*Eu desenhei que minha mãe tava indo pra o trabalho*”. (MA_18/turma5)



Desenho 8: “*Eu desenhei uma mulher correndo*”. (MO_20/turma5)

Ainda no conjunto dos desenhos as crianças caracterizaram as mulheres como trabalhadoras. Por exemplo, dois participantes ao serem questionados sobre o significado do desenho de uma mulher adulta, justificam: “*Desenhei uma mulher normal, trabalhadora, aquela pessoa que se dedica aos estudos, pelo trabalho, essas coisas assim... Trabalhando em policial, bombeiro, em polícia também, professora, etc, etc*” (MO_08/turma5). “*Eu quis.. quis desenhar uma mulher trabalhadora, elas são muito trabalhadeiras*” (MO_07/turma5).

O conteúdo dos desenhos relacionados à mulher trabalhadora expressam a figura feminina desempenhando sua profissão. No desenho 9 (MO_06/turma5), por exemplo, a mulher está em sua sala de aula vestida de saia e blusa, com sandália, cabelo preso e óculos, em frente ao quadro, supostamente dando aula.



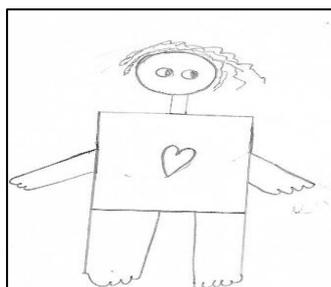
Desenho 9: “*Significa mulher adulta trabalhando porque mulher adulta não pode ficar sem trabalhar, né, tia, porque vai ficar fazendo nada?! Se não trabalhar no trabalho vai trabalhar em casa*”.

De modo semelhante, o trabalho realizado por Souza (2012) acerca das representações sociais da mulher evidenciou que as crianças representam a mulher, dentre outros aspectos, como trabalhadora.

Dos quatro participantes que representaram a mulher como trabalhadora, três deles são meninos. MO_06/turma5 desenhou uma professora, MO_08/turma5 revelou que a mulher pode trabalhar como policial, bombeiro ou professora. Outro entrevistado (MO_07/turma5) não especificou a profissão, mas disse que as mulheres são “trabalheiras” (trabalhadoras). Já MA_23/turma5 desenhou uma profissional de moda, a partir disso, podemos inferir que os meninos se baseiam em profissões mais presentes no dia a dia, enquanto a última criança a que nos referimos desenha a mulher exercendo uma profissão que, supostamente, é de seu interesse.

Os desenhos e depoimentos mostram que as crianças vão objetivando o ser mulher em novas perspectivas de trabalho. Afirmou uma criança: *“Desenhei ela na rua, aí ela estava indo trabalhar, voltou do trabalho e foi pra casa. Ela trabalha em moda”*. (MA_23/turma5)

Outro significado atribuído à mulher adulta refere-se à figura feminina associada ao sentimentalismo, ou seja, a mulher como uma figura emotiva, sensível. Segundo Raiz e Nascimento (2009), o romantismo e sentimentalismo relacionados às mulheres faz parte do imaginário social. Segundo os autores, as mulheres seriam afetivamente expressivas e dão mais importância aos sentimentos do que os homens. Nesse sentido, levantamos a hipótese de que a maneira como esse menino produziu o desenho 10 e representa a mulher pode refletir essa perspectiva.



Desenho 10: *“Ele quer dizer que ela tá parada olhando o movimento e o coração quer dizer que tá gostando de alguém”* (MO_02/turma5)

Por fim, o último sentido atribuído à mulher adulta está vinculado à sexualidade, esse sentido foi atribuído por dois meninos, nos desenhos 11 e 12. Como se vê no desenho 11, a mulher aparece em cima do capô do carro pretendendo chamar a atenção de alguém, o de número 12 é de uma mulher de biquíni, como observamos as produções aludem a um sentido sexualizado de mulher.



Desenho 11: “Sei não, tia...
Representa a mulher olhando o
carro”. (MO_04/turma5)



Desenho 12: “Desenhei ela indo
pra praia, indo tomar um banho”.
(MO_05/turma5)

Fonseca (2016) destaca que os papéis sociais do como “ser homem” ou “ser mulher” vão ditar os comportamentos e as práticas construídas desde a infância. É nesse período que muitas vezes, embasados em um padrão machista, os meninos e meninas aprendem a se portar perante a sociedade que os cerca. Brincadeiras, modos de agir, roupas ou as cores, por exemplo, são determinados por outrem – as instituições e a família – e reproduzidos para e pelas crianças. Inferimos que a postura das crianças que produziram os desenhos 11 e 12 está associada à cultura machista. Ela reflete atitudes invasivas, desrespeitosas e machistas (tratadas com normalidade) em relação à mulher que a depender do contexto, da cultura dos grupos de convivência vão sendo incorporadas pelos meninos.

Dentre os diferentes sentidos destacados nesta primeira categoria os elementos mais fortes foram a mulher como *mãe*, *vaidosa* e *trabalhadora*, tais significações foram compartilhados e estão ancorados nas representações sociais de meninos e meninas. Estas representações certamente reproduzem o que as crianças vivenciam em seus contextos culturais. Como já indicamos, este estudo confirma o trabalho de Corrêa et al (2007) para os quais a mulher tradicionalmente tem sido representada como mãe.

Sentimental e *sexualizada* foram sentidos atribuídos à mulher somente por meninos. Assim, entendendo as representações sociais como fruto das comunicações e interações dos sujeitos em seus espaços culturais, destacamos que as relações estabelecidas pelos meninos em seus contextos de pertença podem estar contribuindo para que assim eles se manifestem a respeito da mulher, ou seja, reproduzam representações preconceituosas e machistas.

Embora tenham aparecido apenas em dois desenhos a mulher como *livre*, essa denominação foi atribuída apenas por meninas. Consideramos este um ponto relevante dos nossos achados de pesquisa, pois evidencia possíveis mudanças de representação social em relação à mulher, representações mais preconceituosas podem estar sendo desconstruídas e em seu lugar estejam se objetivando outras atitudes em relação a mulher.

No âmbito da construção de representações sociais Moscovici (1978) faz menção aos processos de objetivação e ancoragem. Segundo o autor, a objetivação refere-se ao que o

indivíduo é capaz de assemelhar a algo que ele já conhece, ou seja, o apropriar-se daquilo é novo para ele, materializando e concretizando determinado objeto. A ancoragem diz respeito a incorporação definitiva de algo que era novo ao seu conjunto de saberes, reconhecendo ou entendendo melhor o que era desconhecido, tornando-o familiar. Nesse sentido, depreendemos que algumas meninas estão objetivando possibilidades de liberdade às mulheres na sociedade.

Como já dissemos a Teoria das Representações Sociais possibilita explicar pensamentos e posicionamentos de determinados grupos conectados às práticas sociais. Assim, inferimos que os principais espaços de socialização das crianças (família e escola) e outros possíveis grupos em que estão inseridas, além dos meios de comunicação de massa a que tem acesso estão influenciando a construção das representações sociais de mulher. Os desenhos e entrevistas com as crianças permitiram identificar que as representações sociais de ser mulher adulta estão centradas nos elementos *maternidade, trabalhadora, livre, sentimental* e *sexualizada*. Ressaltamos que os meninos manifestaram representações mais estereotipadas em relação à mulher do que as meninas.

Os dados desta categoria reafirmam resultados de estudos anteriores em relação à mulher e como algo novo desta pesquisa sinalizamos que, nas representações sociais das crianças acerca da mulher aparece mesmo que de forma discreta o elemento liberdade, ou o seu empoderamento.

b) Categoria 2: Trabalho de Mulher

Articulada à primeira, a **segunda categoria** apresenta os sentidos atribuídos pelas crianças do 4º e 5º anos ao **trabalho de mulher**. Nela agrupamos as funções/ocupações assumidas pela mulher conforme as crianças desenharam e justificaram. Do grupo participante seis destacam a mulher na profissão de professora, seis se detiveram nas funções domésticas, três em serviços gerais, três destacaram o trabalho de policial, duas foram representadas como médicas, uma bancária, uma empresária, uma dentista e outra como jogadora de futebol.

Ressaltamos que nas representações sociais estão incluídas as ideias e imagens que os indivíduos utilizam para atribuir e construir significado a determinado objeto. Esses significados são baseados em suas crenças e valores e organizam os discursos e práticas dos sujeitos. Moscovici (2003) enfatiza que as experiências vivenciadas no grupo de pertença são determinantes para a construção das representações sociais dos sujeitos. Neste sentido, as

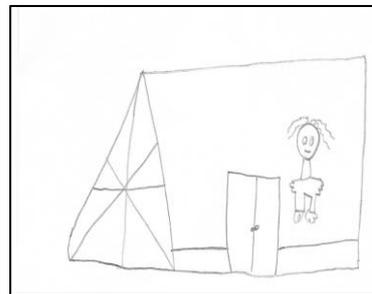
representações sociais das crianças sobre o trabalho da mulher revelam seus lugares de pertencimento, o contexto em que estão inseridas e as significações que possuem acerca do objeto estudado.

Para as crianças que investigamos, a mulher pode exercer diferentes profissões, no entanto, a maioria delas (nove; sendo nove meninas e três meninos) representa a mulher assumindo funções domésticas ou serviços gerais. Corroborando essa perspectiva Timm e Langamer (2013) afirmam com base em pesquisa que as crianças reproduzem os papéis de gênero socialmente estabelecidos. Diante disto, podemos dizer que as representações das crianças acerca da mulher resultam de influências sociais heteronormativas, marcadas majoritariamente pelo desempenho de atividades subalternas.

Essa representação fica ainda mais evidente, quando nos desenhos produzidos pelas crianças a mulher aparece usando touca, com vassoura na mão (desenho 13) ou trabalhando na área de disposição final de resíduos (desenho 14). São destaques ainda nessas produções o trabalho doméstico, como no (desenho 15) da mulher em frente à pia e ao lado da máquina de costura (desenho 16).



Desenho 13: “Desenhei a mulher fazendo faxina”
(MO_04/turma5)



Desenho 14: “Ela tá trabalhando na escola, trabalhando no lixo. Limpando”. (MO_02/turma5)



Desenho 15: Uma mulher que tá lavando roupa”.
(MO_10/turma5)



Desenho 16: “Desenhei ela costurando roupa; saia, blusa, vestido”. (MA_03/turma5)

De acordo com Escalante e Xavier (2011) as representações sociais das profissões podem ser resultado das características do sujeito na organização da sociedade. Os referidos autores admitem que as mulheres são vistas de modo estereotipado, em geral desempenhando papéis e exercendo profissões ditas “femininas”.

Novamente reiteramos que, para Moscovici (1978) o contexto atua de forma decisiva para a construção das representações dos mais diferentes objetos. Dessa forma depreendemos a influência do contexto de vida dessas crianças para a construção de suas representações do “trabalho de mulher”. Certamente o seu contato frequente com mulheres que assumem esses papéis mais desprestigiados em sua cultura contribui para que a representação social de mulher adulta esteja vinculado ao exercício de funções domésticas (três crianças desenharam suas mães desempenhando esse papel) e serviços gerais (uma criança desenhou sua mãe que é lavadeira).

Sobre isto Escalante e Xavier (2011) ressaltam que as representações sociais são estruturadas com base não só nos contextos social e cultural, mas também histórico.

Outro sentido conferido ao “trabalho de mulher” está associado à profissão docente. Para seis crianças, a mulher pode trabalhar como professora. Sobre esta relação do trabalho de mulher à docência assumimos a provável interpretação de que essas representações estão vinculadas à feminização dessa profissão, que historicamente tem sido ocupada por mulheres. Quando questionadas a respeito do desenho, as crianças respondem: “*Desenhei uma professora na escola*” (MO_19/turma5), “*Desenhei uma professora*”. (MO_20/turma5). Destacamos que os desenhos relacionados à profissão de professora apresentam, em geral, elementos como: o quadro, a representação de alunos sentados, deixando claro que se trata de uma sala de aula, o birô e anotações no quadro.



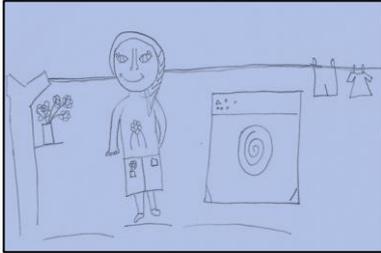
Desenho 17: “*Uma mulher trabalhando na sala de aula*”. (MA_01/turma5)



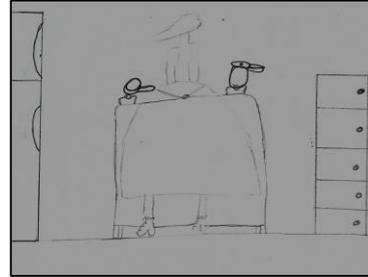
Desenho 18: “*Desenhei uma mulher na escola, sendo professora*”. (MO_21/turma5)

Como já apresentado na categoria 1, aparecem como centrais nas representações das crianças o trabalho da mulher como o de mãe, alguém que cuida dos filhos e executa

atividades domésticas como cozinhar e lavar. Os desenhos expressam como conteúdo as atividades domésticas. No desenho 19 percebemos uma lavanderia, roupas estendidas no canto. Na entrevista, a criança aponta para o desenho dizendo que a mãe está no seu trabalho. No de número 20, uma mulher permanece de costas cozinhando no fogão com panelas, a geladeira no lado esquerdo e um armário no direito. Abaixo apresentamos alguns desses desenhos.



Desenho 19 : *Eu desenhei que minha mãe tava indo pra o trabalho. (MA_18/turma5)*



Desenho 20: *“Desenhei ela cozinhando. A mulher pode ser muita coisa, tipo, arrumar a casa, lavar roupa, cuidar dos filhos”.* (MA_23/turma5)

Concernente a essa ênfase no cuidar como uma tarefa própria da mulher, lembramos Pulcino, Pinho e Andrade (2014) que demonstram o enraizamento heteronormativo na medida em que as mulheres são taxadas de frágeis, mães ou donas de casa.

Há no conjunto das produções das crianças três desenhos feitos somente por meninos que associam a mulher ao trabalho de policial. Observamos no de número 21, uma mulher usando, aparentemente de uniforme com uma arma na cintura. Conforme as falas das crianças, a mulher policial pode defender e cuidar da sociedade, é alguém que contribui para combater o crime.

É interessante perceber que no desenho nº 22, a criança produz uma mulher sexualizada, de maiô e um corpo saliente. Na lateral esquerda da mulher desenhada visualizamos uma arma e à sua esquerda uma bolsa. Como uma policial não exerce sua profissão vestida dessa forma, depreendemos que a produção reforça uma representação social estereotipada e preconceituosa da mulher já indicada na primeira categoria.



Desenho 21: *“Desenhei uma mulher policial que combate ao crime”.* (MO_08/turma5)



Desenho 22: *“Desenhei uma policial, trabalhando na polícia pra defender o povo”* (MO_07/turma5)

Outro sentido designado pelas crianças ao trabalho de mulher está diretamente conectado a algumas idealizações profissionais. Nesse conjunto de desenhos identificamos algumas profissões consideradas de prestígio que se revelam nas projeções das crianças. Nesses desenhos aparecem duas médicas, uma bancária e uma jogadora de futebol. No desenho nº 23, temos uma jogadora de futebol uniformizada, ao lado dos seus pés tem uma bola. No desenho de nº 24 temos uma mulher usando uniforme de médica com um estetoscópio no pescoço posicionada em frente à porta de um ambiente semelhante a um hospital. Vale ressaltar que, embora desenhe uma mulher exercendo a profissão médica, ao se posicionar sobre o desenho a criança deixa claro que não existe um trabalho específico de mulher. Destaca: *“Eu desenhei uma médica porque não existe trabalho pra mulher e homem. Todos nós podemos trabalhar com o que a gente quiser. Porque tem pessoas que acham que trabalho de mulher tem que ser médica, essas coisas, mas não, a mulher pode ser qualquer coisa no trabalho”* (MA_11/turma4).



Desenho 23: *“Eu desenhei uma mulher que ela é jogadora de futebol”* (MO_14/turma4)



Desenho 24: *“Eu desenhei uma médica porque... não existe trabalho pra mulher e homem, todos nós podemos trabalhar com o que a gente quiser. Porque tem pessoas que acham que trabalho de mulher tem que ser médica, essas coisas, mas não, a mulher pode ser qualquer coisa no trabalho”* (MA_11/turma4)

Os resultados organizados na categoria 2 confirmam que o indivíduo se forma nas relações com o meio social. A criança apesar de não executar atividades remuneradas, sofre influências do contexto grupal e estabelece ligações ao mundo do trabalho o que justifica suas representações sociais.

Em relação ao trabalho de mulher, de maneira geral, identificamos que as representações sociais não são homogêneas, pois as representações dos meninos estão centralizadas na mulher que desempenha *atividades domésticas, serviços gerais* ou *professora*. Já as representações sociais das meninas em relação ao trabalho de mulher estão atreladas às profissões liberais de maior valorização social. Nesse sentido, é possível dizer que

as crianças ancoram o trabalho da mulher naquilo que já conhecem, além de idealizarem possibilidades profissionais mais socialmente valorizadas.

Em se tratando das questões que influenciam suas representações sociais de trabalho de mulher podemos relacioná-las as profissões presentes no seu dia-a-dia, com as quais convivem, as mais divulgadas e reconhecidas pela sociedade.

Para Escalante e Xavier (2011) os modos de representar vão sendo construídos na socialização entre os sujeitos ao conversar, nos discursos cotidianos ou nos momentos em se expõem nos grupos sociais. Jodelet (2001) argumenta que as representações sociais são resultado de interações do sujeito em sua cultura, gerando histórias particulares e sociais, bem como construções coletivas. Nessa perspectiva, a análise dos desenhos juntamente com as entrevistas, indicaram que as representações sociais de trabalho da mulher são marcadas por elementos como o exercício de funções domésticas, do cuidar como um trabalho feminino, docência e, ainda que de modo tímido, de alguns indícios de empoderamento das meninas frente ao machismo presente na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou analisar as representações sociais do ser mulher construídas por crianças dos do Ensino Fundamental, matriculadas na rede Municipal de ensino do Recife. À luz da Teoria das Representações Sociais, o trabalho procurou caracterizar as representações sociais do ser mulher e do seu trabalho construídas por crianças, identificando elementos que influenciam essas representações explicitando os elementos nelas objetivados e ancorados.

As representações sociais de mulher adulta comuns entre meninos e meninas estão ancoradas na maternidade, vaidade e *trabalhadora*. Nas representações sociais construídas por meninos a mulher é *sentimental* e *sexualizada*. Para algumas meninas a mulher é objetivada como *livre* para fazer o que quiser.

No tocante às representações sociais do trabalho de mulher, de maneira geral, detectamos que as representações sociais dos meninos estão centralizadas na mulher que exerce *atividades domésticas* (lavar, limpar cozinhar etc) e de *professora*. Ao mesmo tempo localizamos representações sociais de meninas vinculadas às profissões mais socialmente valorizadas. No geral as representações sociais construídas por essas crianças se ancoram no *ser mãe, vaidosa e trabalhadora*, principalmente, exercendo funções domésticas e subalternas. Por outro lado, há indícios de objetivação quando se referem a mulher livre para

fazer escolhas e projeção ou possibilidades de ingresso em profissões de maior reconhecimento pela sociedade.

A escola é um espaço com potencial para construção de representações sociais, pois é um rico ambiente para interações sociais, históricas e culturais entre os agentes do processo educativo. Nesse sentido, este estudo contribui para o campo educacional, pois ao identificar e analisar essas representações sociais estamos oferecendo contribuições aos educadores para, conhecendo-as, trabalharem na perspectiva da desconstrução representações sociais estereotipadas, preconceituosas e machistas em relação à mulher ressignificando assim a prática pedagógica.

Como limite da investigação indicamos não foi possível explorar em mais detalhes como a família e a escola estão interferindo na construção das representações sociais dessas crianças em relação ao ser mulher. Assim, admitimos a necessidade de investigações mais aprofundadas com crianças, professores e famílias, além de maiores articulações com os estudos de gênero a fim de melhor compreender o papel do contexto social na formulação dessas representações sociais. Eis o que pretendemos ao darmos continuidade a nossa formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R.M. CARVALHO, E.S.S. Ser mulher e ter um corpo ferido: um estudo de representações sociais. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental**. Rio de Janeiro, v. 6, n.4, pgs. 1513-1524, 2014.
- BARBOZA, R. G. **As Representações Sociais de Gênero de alunos e alunas das 7º e 8º séries do Ensino Fundamental nas aulas de Educação Física**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Portugal. Edições 70, 2004.
- BERTONI, L.M.; GALINKIN, A. L. Gênero e educação: um caminho para igualdade. In: BERTONI, L.M.; GALINKIN, A. L (Orgs). **Gênero e educação**. Em Aberto, Brasília, v. 27, n. 92, jul./dez. 2014, pg. 21-42.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Fundamentos da pesquisa qualitativa: uma introdução. In: _____. **Investigação Qualitativa em Educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora: Porto, 1994, pg. 13-17.
- CORRÊA, A. et al. Soldadinhos-de-Chumbo e Bonecas: Representações Sociais do Masculino e do Feminino em Jornais de Empresas. **Revista de Administração Contemporânea**. Curitiba, v. 11, n. 2, 191-211, 2007.
- COUTINHO, S. M.N.; MENANDRO, P. R. M. Representações sociais do ser mulher no contexto familiar: um estudo intergeracional. **Psicologia e Saber Social**. Rio de Janeiro, v. 4, n.1, pg. 52-71, 2015.
- ESCALANTE, R. K.; XAVIER, R. P.; Alunos de Escola Básica e suas Representações de Professores. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v.6, n. 2, p. 265-276, 2011.
- FONSECA, Kamilla Ribeiro. Despertar o olhar: Até que ponto as políticas sociais definem o padrão de mulher?. **Dignidade Revista**, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2016.

- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: D. JODELET (org.), **As representações sociais**. Rio de Janeiro, EDUERJ, p.17-44. 2001.
- MATSUNAGA, P. As Representações Sociais da Mulher no Movimento Hip Hop. **Psicologia e Sociedade**. Goiás, v. 20, n. 1, pg. 108-116, 2008.
- MIRANDA, M. **Empoderamento Infantil de meninas**: Fortalecendo as garotas desde cedo; 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/empoderamento-infantil-de-meninas-fortalecendo-as-garotas-desde-cedo/>> Acesso em: 23 de maio de 2019.
- MEINERZ, N. E. Relações Sociais de Gênero. In: CARVALHO, A. P. C.; SALAINI, C.J.; ALLEBRANDT, D.; MEINERZ, N. E., WEISHEIMER, N. **Desigualdades de Gênero, Raça e Etnia**. Curitiba: Intersaberes, 2012, pg. 43-58.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar. 1978. 291p.
- MOSCOVI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MOURÃO, L. Representações Sociais da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**. Rio Grande do Sul, v.2, n.13, pg.5-18; 2000.
- PULCINO, R. PINHO, R. ANDRADE, M. Papéis e identidade de gênero no cotidiano escolar: a percepção dos/as jovens sobre as relações entre os sexos. In: BERTONI, L.M.; GALINKIN, A. L (Orgs). **Gênero e educação**. Brasília: Em Aberto, v. 27, n. 92, jul./dez. 2014, pg. 127-146.
- RAIZ, A. C. M.; NASCIMENTO, E. M. F. S. Esperando pela alma gêmea? Relacionamentos amorosos da mulher moderna. **Discursividade** - Estudos Linguísticos, v. 5, p. 1-15, 2009.
- SARDENBERG, C. M. B.; Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: Trilhas do Empoderamento de Mulheres, 2006, Bahia. **I Semiário...** Bahia, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2019
- SARMENTO, M. J. Gerações e Alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p.361- 378, maio/ago. 2005.
- SODRÉ, L. G. P.; REIS, I. T.; GUTTIN, J. M. S. **Análise dos elementos da natureza nos desenhos livres de crianças da Educação Infantil**. Trabalho apresentado no VI Congresso Internacional de Educação. Concórdia - Santa Catarina, 2007.
- SOUZA, A.C. Representações Sociais sobre a mulher com crianças numa escola de Ensino Fundamental. **Revista Travessias**. Paraná, 16º edição, v. 6; n. 3, pg. 1-8, 2012.
- TIMM, F. B.; LANGAMER, S. F. **Representações Sociais de Gênero em crianças: uma experiência no ensino fundamental**. XI Congresso Nacional de Educação EDUCERE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, p; 1-17, 2013.
- XAVIER FILHA, Constantina. Sexualidade e identidade de gênero na infância. **Revista Diversidade e Educação**. Rio Grande, v. 3, n. 6, p. 14-21, jul./dez. 2015.